

# **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

## **FUNDAMENTOS DA ÉTICA CRISTÃ**

Por: Rev. Augustus Nicodemus Lopes

### **TOMANDO DECISÕES**

Todos nós tomamos diariamente dezenas de decisões. Fazemos escolhas, optamos, resolvemos e determinamos aquilo que tem a ver com nossa vida individual, a vida da empresa e de nossos semelhantes.

Ninguém faz isso no vácuo. Antigamente pensava-se que era possível pronunciar-se sobre um determinado assunto de forma inteiramente objetiva, isto é, isenta de quaisquer pré-concepções ou pré-convicções. Hoje, sabe-se que nem mesmo na área das chamadas ciências exatas é possível fazer pesquisa sem sermos influenciados pelo que somos, cremos, desejamos, objetivamos e vivemos.

As decisões que tomamos são invariavelmente influenciadas pelo horizonte do nosso próprio mundo individual e social. Ao elegermos uma determinada solução em detrimento de outra, o fazemos baseados num padrão, num conjunto de valores do que acreditamos ser certo ou errado. É isso que chamamos de ética.

A nossa palavra "ética" vem do grego *eqikh*, que significa um hábito, costume ou rito. Com o tempo, passou a designar qualquer conjunto de princípios ideais da conduta humana, as normas a que devem ajustar-se as relações entre os diversos membros de uma sociedade.

Ética é o conjunto de valores ou padrão pelo qual uma pessoa entende o que seja certo ou errado e toma decisões.

### **ALTERNATIVAS ÉTICAS**

Cada um de nós tem uma ética. Cada um de nós, por mais influenciado que seja pelo relativismo e pelo pluralismo de nossos dias, tem um sistema de valores interno que consulta (nem sempre, a julgar pela incoerência de nossas decisões...!) no processo de fazer escolhas. Nem sempre estamos conscientes dos valores que compõem esse sistema, mas eles estão lá, influenciando decisivamente nossas opções.

Os estudiosos do assunto geralmente agrupam as alternativas éticas de acordo com o seu princípio orientador fundamental. As principais são: humanística, natural e religiosa.

# **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

## **ÉTICAS HUMANÍSTICAS**

As chamadas éticas humanísticas são aquelas que tomam o ser humano como a medida de todas as coisas, seguindo o conhecido axioma do antigo pensador sofista Protágoras (485-410 AC). Ou seja, são aquelas éticas que favorecem escolhas e decisões voltadas para o homem como seu valor maior.

### **HEDONISMO**

Uma forma de ética humanística é o hedonismo. Esse sistema ensina que o certo é aquilo que é agradável. A palavra "hedonismo" vem do grego |hdonh, "prazer". Como movimento filosófico, teve sua origem nos ensinamentos de Epicuro e de seus discípulos, cuja máxima famosa era "comamos e bebamos porque amanhã morreremos". O epicurismo era um sistema de ética que ensinava, em linhas gerais, que para ter uma vida cheia de sentido e significado, cada indivíduo deveria buscar acima de tudo aquilo que lhe desse prazer ou felicidade. Os hedonistas mais radicais chegavam a ponto de dizer que era inútil tentar adivinhar o que dá prazer ao próximo.

Como consequência de sua ética, os hedonistas se abstinham da vida política e pública, preferiam ficar solteiros, censurando o casamento e a família como obstáculos ao bem maior, que é o prazer individual. Alguns chegavam a defender o suicídio, visto que a morte natural era dolorosa.

Como movimento filosófico, o hedonismo passou, mas certamente a sua doutrina central permanece em nossos dias. Somos todos hedonistas por natureza. Frequentemente somos motivados em nossas decisões pela busca secreta do prazer. A ética natural do homem é o hedonismo. Instintivamente, ele toma decisões e faz escolhas tendo como princípio controlador buscar aquilo que lhe dará maior prazer e felicidade. O individualismo exacerbado e o materialismo moderno são formas atuais de hedonismo.

O hedonismo não tem muitos defensores modernos, mas podemos mencionar Gustav Fechner, o fundador da psicofísica, com sua interpretação do prazer como princípio psíquico de ação, a qual foi depois desenvolvida por Sigmund Freud como sendo o princípio operativo do nível psicanalítico do inconsciente.

Muito embora o cristianismo reconheça a legitimidade da busca do prazer e da felicidade individuais, considera a ética hedonista essencialmente egoísta, pois coloca tais coisas como o princípio maior e fundamental da existência humana.

### **UTILITARISMO**

Outro exemplo de ética humanística é o utilitarismo, sistema ético que tem como valor máximo o que considera o bem maior para o maior número de pessoas. Em outras palavras,

## **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

"o certo é o que for útil". As decisões são julgadas, não em termos das motivações ou princípios morais envolvidos, mas dos resultados que produzem. Se uma escolha produz felicidade para as pessoas, então é correta. Os principais proponentes da ética utilitarista foram os filósofos ingleses Jeremy Bentham e John Stuart Mill.

A ética utilitarista pode parecer estar alinhada com o ensino cristão de buscarmos o bem das pessoas. Ela chega até a ensinar que cada indivíduo deve sacrificar seu prazer pelo da coletividade (ao contrário do hedonismo). Entretanto, é perigosamente relativista: quem vai determinar o que é o bem da maioria? Os nazistas dizimaram milhões de judeus em nome do bem da humanidade. Antes deles, já era popular o adágio "o fim justifica os meios". O perigo do utilitarismo é que ele transforma a ética simplesmente num pragmatismo frio e impessoal: decisões certas são aquelas que produzem soluções, resultados e números.

Pessoas influenciadas pelo utilitarismo escolherão soluções simplesmente porque elas funcionam, sem indagar se são corretas ou não. Utilitaristas enfatizam o método em detrimento do conteúdo. Eles querem saber como e não por que.

Talvez um bom exemplo moderno seja o escândalo sexual Clinton/Lewinski. Numa sociedade bastante marcada pelo utilitarismo, como é a americana, é compreensível que as pessoas se dividam quanto a um impeachment do presidente Clinton, visto que sua administração tem produzido excelentes resultados financeiros para o país.

### **EXISTENCIALISMO**

Ainda podemos mencionar o existencialismo, como exemplo de ética humanística. Defendido em diferentes formas por pensadores como Kierkegaard, Jaspers, Heidegger, Sartre e Simone de Beauvoir, o existencialismo é basicamente pessimista. Existencialistas são céticos quanto a um futuro róseo ou bom para a humanidade; são também relativistas, acreditando que o certo e o errado são relativos à perspectiva do indivíduo e que não existem valores morais ou espirituais absolutos. Para eles, o certo é ter uma experiência, é agir — o errado é vegetar, ficar inerte.

Sartre, um dos mais famosos existencialistas, disse: "O mundo é absurdo e ridículo. Tentamos nos autenticar por um ato da vontade em qualquer direção". Pessoas influenciadas pelo existencialismo tentarão viver a vida com toda intensidade, e tomarão decisões que levem a esse desiderato. Aldous Huxley, por exemplo, defendeu o uso de drogas, já que as mesmas produziam experiências acima da percepção normal. Da mesma forma, pode-se defender o homossexualismo e o adultério.

O existencialismo é o sistema ético dominante em nossa sociedade moderna. Sua influencia percebe-se em todo lugar. A sociedade atual tende a validar eticamente atitudes tomadas com base na experiência individual. Por exemplo, um homem que não é feliz em seu casamento e tem um romance com outra mulher com quem se sente bem, geralmente recebe a compreensão e a tolerância da sociedade.

# **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

## **ÉTICA NATURALÍSTICA**

Esse nome é geralmente dado ao sistema ético que toma como base o processo e as leis da natureza. O certo é o natural — a natureza nos dá o padrão a ser seguido. A natureza, numa primeira observação, ensina que somente os mais aptos sobrevivem e que os fracos, doentes, velhos e debilitados tendem a cair e a desaparecer à medida que a natureza evolui. Logo, tudo que contribuir para a seleção do mais forte e a sobrevivência do mais apto, é certo e bom; e tudo o que dificultar é errado e mau.

Por incrível que possa parecer, essa ética teve defensores como Trasímaco (sofista, contemporâneo de Sócrates), Maquiavel, e o Marquês de Sade. Modernamente, Nietzsche e alguns deterministas biológicos, como Herbert Spencer e Julian Huxley.

A ética naturalística tem alguns pressupostos acerca do homem e da natureza baseados na teoria da evolução: (1) a natureza e o homem são produtos da evolução; (2) a seleção natural é boa e certa. Nietzsche considerava como virtudes reais a severidade, o egoísmo e a agressividade; vícios seriam o amor, a humildade e a piedade.

Pode-se perceber a influência da ética naturalística claramente na sociedade moderna. A tendência de legitimar a eliminação dos menos aptos se observa nas tentativas de legalizar o aborto e a eutanásia em quaisquer circunstâncias. Os nazistas eliminaram doentes mentais e esterilizaram os "inaptos" biologicamente. Sade defendia a exploração dos mais fracos (mulheres, em especial). Nazistas defenderam o conceito da raça branca germânica como uma raça dominadora, justificando assim a eliminação dos judeus e de outros grupos. Ainda hoje encontramos pichações feitas por neo-nazistas nos muros de São Paulo contra negros, nordestinos e pobres. Conscientemente ou não, pessoas assim seguem a ética naturalística da sobrevivência dos mais aptos e da destruição dos mais fracos.

Os cristãos entendem que uma ética baseada na natureza jamais poderá ser legítima, visto que a natureza e o homem se encontram hoje radicalmente desvirtuados como resultado do afastamento da humanidade do seu Criador. A natureza como a temos hoje se afasta do estado original em que foi criada. Não pode servir como um sistema de valores para a conduta dos homens.

## **ÉTICAS RELIGIOSAS**

São aqueles sistemas de valores que procuram na divindade (Deus ou deuses) o motivo maior de suas ações e decisões. Nesses sistemas existe uma relação inseparável entre ética e religião. O juiz maior das questões éticas é o que a divindade diz sobre o assunto. Evidentemente, o conceito de Deus que cada um desse sistema mantém, acabará por influenciar decisivamente o código ético e o comportamento a ser seguido.

# **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

## **ÉTICAS RELIGIOSAS NÃO CRISTÃS**

No mundo grego antigo os deuses foram concebidos (especialmente nas obras de Homero) como similares aos homens, com paixões e desejos bem humanos e sem muitos padrões morais (muito embora essa concepção tenha recebido muitas críticas de filósofos importantes da época). Além de dominarem forças da natureza, o que tornava os deuses distintos dos homens é que esses últimos eram mortais. Não é de admirar que a religião grega clássica não impunha demandas e restrições ao comportamento de seus adeptos, a não ser por grupos ascéticos que seguiam severas dietas religiosas buscando a purificação.

O conceito hindú de não matar as vacas vem de uma crença do período védico que associa as mesmas a algumas divindades do hinduísmo, especialmente Krishna. O culto a esse deus tem elementos pastoris e rurais.

O que pensamos acerca de Deus irá certamente influenciar nosso sistema interno de valores bem como o processo decisório que enfrentamos todos os dias. Isso vale também para ateus e agnósticos. O seu sistema de valores já parte do pressuposto de que Deus não existe. E esse pressuposto inevitavelmente irá influenciar suas decisões e seu sistema de valores.

É muito comum na sociedade moderna o conceito de que Deus (ou deuses?) seja uma espécie de divindade benevolente que contempla com paciência e tolerância os afazeres humanos sem muita interferência, a não ser para ajudar os necessitados, especialmente seus protegidos e devotos. Essa concepção de Deus não exige mais do que simplesmente um vago código de ética, geralmente baseado no que cada um acha que é certo ou errado diante desse Deus.

## **A ÉTICA CRISTÃ**

Á ética cristã é o sistema de valores morais associado ao Cristianismo histórico e que retira dele a sustentação teológica e filosófica de seus preceitos.

Como as demais éticas já mencionadas acima, a ética cristã opera a partir de diversos pressupostos e conceitos que acredita estão revelados nas Escrituras Sagradas pelo único Deus verdadeiro. São estes:

1. A existência de um único Deus verdadeiro, criador dos céus e da terra. A ética cristã parte do conceito de que o Deus que se revela nas Escrituras Sagradas é o único Deus verdadeiro e que, sendo o criador do mundo e da humanidade, deve ser reconhecido e crido como tal e a sua vontade respeitada e obedecida.

2. A humanidade está num estado decaído, diferente daquele em que foi criada. A ética cristã leva em conta, na sistematização e sintetização dos deveres morais e práticos das

## **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

peças, que as mesmas são incapazes por si próprias de reconhecer a vontade de Deus e muito menos de obedecê-la. Isso se deve ao fato de que a humanidade vive hoje em estado de afastamento de Deus, provocado inicialmente pela desobediência do primeiro casal. A ética cristã não tem ilusões utópicas acerca da "bondade inerente" de cada pessoa ou da intuição moral positiva de cada uma para decidir por si própria o que é certo e o que é errado. Cegada pelo pecado, a humanidade caminha sem rumo moral, cada um fazendo o que bem parece aos seus olhos. As normas propostas pela ética cristã pressupõem a regeneração espiritual do homem e a assistência do Espírito Santo, para que o mesmo venha a conduzir-se eticamente diante do Criador.

3. O homem não é moralmente neutro, mas inclinado a tomar decisões contrárias a Deus, ao próximo. Esse pressuposto é uma implicação inevitável do anterior. As pessoas, no estado natural em que se encontram (em contraste ao estado de regeneração) são movidas intuitivamente, acima de tudo, pela cobiça e pelo egoísmo, seguindo muito naturalmente (e inconscientemente) sistemas de valores descritos acima como humanísticos ou naturalísticos. Por si sós, as pessoas são incapazes de seguir até mesmo os padrões que escolhem para si, violando diariamente os próprios princípios de conduta que consideram corretos.

4. Deus revelou-se à humanidade. Essa pressuposição é fundamental para a ética cristã, pois é dessa revelação que ela tira seus conceitos acerca do mundo, da humanidade e especialmente do que é certo e do que é errado. A ética cristã reconhece que Deus se revela como Criador através da sua imagem em nós. Cada pessoa traz, como criatura de Deus, resquícios dessa imagem, agora deformada pelo egoísmo e desejos de autonomia e independência de Deus. A consciência das pessoas, embora freqüentemente ignorada e suprimida, reflete por vezes lampejos dos valores divinos. Deus também se revela através das coisas criadas. O mundo que nos cerca é um testemunho vivo da divindade, poder e sabedoria de Deus, muito mais do que o resultado de milhões de anos de evolução cega. Entretanto é através de sua revelação especial nas Escrituras que Deus nos faz saber acerca de si próprio, de nós mesmos (pois é nosso Criador), do mundo que nos cerca, dos seus planos a nosso respeito e da maneira como deveríamos nos portar no mundo que criou.

Assim, muito embora a ética cristã se utilize do bom senso comum às pessoas, depende primariamente das Escrituras na elaboração dos padrões morais e espirituais que devem reger nossa conduta neste mundo. Ela considera que a Bíblia traz todo o conhecimento de que precisamos para servir a Deus de forma agradável e para vivermos alegres e satisfeitos no mundo presente. Mesmo não sendo uma revelação exhaustiva de Deus e do reino celestial, a Escritura, entretanto, é suficiente naquilo que nos informa a esse

## **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

respeito. Evidentemente não encontraremos nas Escrituras indicações diretas sobre problemas tipicamente modernos como a eutanásia, a AIDS, clonagem de seres humanos ou questões relacionadas com a bioética. Entretanto, ali encontraremos os princípios teóricos que regem diferentes áreas da vida humana. É na interação com esses princípios e com os problemas de cada geração, que a ética cristã atualiza-se e contextualiza-se, sem jamais abandonar os valores permanentes e transcendentais revelados nas Escrituras.

É precisamente por basear-se na revelação que o Criador nos deu que a ética cristã estende-se a todas as dimensões da realidade. Ela pronuncia-se sobre questões individuais, religiosas, sociais, políticas, ecológicas e econômicas. Desde que Deus exerce sua autoridade sobre todas as dimensões da existência humana, suas demandas nos alcançam onde nos acharmos – inclusive e principalmente no ambiente de trabalho, onde exercemos o mandato divino de explorarmos o mundo criado e ganharmos o nosso pão.

É nas Escrituras Sagradas, portanto, que encontramos o padrão moral revelado por Deus. Os Dez Mandamentos e o Sermão do Monte proferido por Jesus são os exemplos mais conhecidos. Entretanto, mais do que simplesmente um livro de regras morais, as Escrituras são para os cristãos a revelação do que Deus fez para que o homem pudesse vir a conhecê-lo, amá-lo e alegremente obedecê-lo. A mensagem das Escrituras é fundamentalmente de reconciliação com Deus mediante Jesus Cristo. A ética cristã fundamenta-se na obra realizada de Cristo e é uma expressão de gratidão, muito mais do que um esforço para merecer as benesses divinas.

A ética cristã, em resumo, é o conjunto de valores morais total e unicamente baseado nas Escrituras Sagradas, pelo qual o homem deve regular sua conduta neste mundo, diante de Deus, do próximo e de si mesmo. Não é um conjunto de regras pelas quais o homem poderá chegar a Deus – mas é a norma de conduta pela qual poderá agradar a Deus que já o redimiu. Por ser baseada na revelação divina, acredita em valores morais absolutos, que são a vontade de Deus para todos os homens, de todas as culturas e em todas as épocas.

# **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

## **OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA ÉTICA CRISTÃ<sup>1</sup>**

(...) Deus é o Alfa e o Ômega da vida humana, O Criador, o Redentor e a Realização última de toda existência pessoal. Toda pessoa é criada à imagem e semelhança de Deus (Gn.1,26-27). Toda pessoa sem exceção é apta à santidade e à teosis ou deificação: uma plena e eterna participação às energias divinas ou atributos divinos. É por esta razão que a Tradição Cristã põe tão fortemente o acento sobre o caráter sagrado da vida humana. Este caráter sagrado, uma vez ainda, tem sua origem em Deus e é concedido como uma pura expressão de Seu Amor (...) é Dom: o Dom da Vida própria de Deus e de Sua Santidade, que nos foi conferida independentemente a todo o mérito, valor ou realização pessoal. Isolada deste Dom, a vida é absurda, sem sentindo algum (...)

### **A VIDA MORAL; LIBERDADE EM ESPÍRITO**

O reconhecimento e a celebração de Deus como Mestre de nossa vida é o fundamento sobre o qual edificamos a compreensão e a esperança que levam à uma conduta cristã, uma conduta que se conforma à vontade divina e manifesta os atributos divinos: Justiça e Amor. A confissão de Deus como Senhor e Sua celebração na Liturgia da Igreja são, por esta razão, o fundamento da teologia moral cristã.

A problemática da teologia moral, que cria dilemas éticos em nossa vida cotidiana, provém do conflito existente entre a nossa confissão de fé e nossas “paixões”, os “impulsos da carne” que conduzem ao pecado e à separação com Deus, que é a fonte e a plenitude da existência humana. Sem esse conflito, nós conheceríamos pela nossa própria natureza a vontade de Deus e conformaríamos nossas atitudes e nossas ações à esta vontade. O pecado portanto, resulta da autonomia humana conduzida ao absurdo que corrompeu nossa natureza criada e a capacidade natural de todos, em virtude da divina imagem na qual ela é investida, de conhecer, de amar Deus e de, então, obedecê-Lo acima de tudo.

“Todos pecaram e destituídos estão da Glória de Deus” (Rm.3,23). Cada um de nós sofre os efeitos do nosso próprio estado de pecado. É por este fato mesmo que os mais santos dentre nós devem afrontar este conflito entre a razão e as paixões.

Atingir as qualidades de bondade, de amor, de misericórdia e de justiça, requer uma disciplina – uma ascese ou um combate – de arrependimento contínuo. O movimento de “retorno” implicado pela metanóia ou arrependimento não pode, todavia, ser um retorno a nós próprios, à nossa própria natureza caída e corrompida; mas sim um retorno a Deus. A conduta ética cristã não pode ser pregada a partir de idéias ou objetivos humanos; suas condições e suas metas, tal como a própria vida humana, devem estar ancorados em Deus, o único que determina aquilo que é bom, justo e reto, e que nos revela esta determinação pela Escritura, a oração e outros aspectos da experiência da vida em Igreja.



## **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

### **O AMOR TRINITÁRIO**

Eis porque a ética cristã deve fundamentar-se sobre a revelação. Se devemos nós empreendermos um combate para conformar nossa vontade, nossos desejos e nossas ações à vontade de Deus, devemos então saber o que a vontade divina exige. De fato, como é que Deus gostaria que nós nos conduzíssemos? Se procurarmos a resposta nas Escrituras e no ensinamento – A Tradição – da Igreja, algumas indicações emergem. Uma dentre elas se destaca particularmente: “Deus é Amor”, como nos diz o apóstolo João (I Jo.4,7-12). Em conseqüência, nossas atitudes e nossas ações vão refletir o amor oblativo, sacrificial que resplandeceu de forma particular na crucifixão de Jesus Cristo, o Filho Bem-Amado do Pai.

Esse amor revelado é essencialmente trinitário, é uma comunhão de Dom dividida de maneira igual entre as Três Pessoas Divinas. Desta forma, ele é sempre “dirigido aos autores”, ele consiste de dom de si, oferecido livre e jubilosamente ao outro e para o outro. Nossa resposta a este amor é também uma resposta em comunidade. Ao saber que somos objetos da profunda e tenra afeição de Deus, nós oferecemos a Ele, de nossa parte, o nosso amor, pela nossa oração e nossa fidelidade aos Seus mandamentos. Ao mesmo tempo nós estendemos nosso amor ao outro (próximo), a todo “outro” que tal como nós mesmos, traz nos recônditos da alma a imagem da divina beleza e da vida divina. Não há limites nem qualificações para tal amor. Ele deve estender-se igualmente e plenamente ao amigo e ao inimigo, ao ortodoxo e ao não ortodoxo, qualquer que seja sua identidade étnica, sua classe social, sua raça, sua religião ou seu sexo. Deus revelou-nos o Seu amor sem medidas; e este amor confere à cada ser humano um valor e uma dignidade infinitas. Todo “outro” é então digno do nosso amor, ele requer, mesmo, nosso amor. Olivier Clément o exprime de uma maneira simples mas profunda ao dizer que “todo homem tem direito a uma compaixão infinita”.

A revelação da vontade do Pai no e pelo Filho e o Espírito é raramente específica no ponto de vista das ações particulares que devem ser levadas em certas situações concretas. À nossa época, onde inquietudes avançadas tem lugar na tecnologia biomédica, somos geralmente confrontados a decisões pelas quais parece-nos não ter diretrizes confiáveis nas fontes da revelação, compreendidas nas Sagradas Escrituras. Os Dez Mandamentos (ex. 20; Dt.5), as Bem-Aventuranças (Mt.5; Lc.6) e outras regras de vida similares (cf: Ef.5; Cl.3) assim como os ensinamentos específicos de Jesus, de Paulo e de outros autores apostólicos (como por exemplo a respeito do casamento e divórcio: Mt. 19, 3-12; ICo. 7, 10-16; ou sobre a Ressurreição e o Julgamento: Mt. 25, 31-46; Jo. 5, 19-29; ICo 15, 34-58) nos fornecem condutas preciosas apesar de seu pequeno número, para tomadas de decisões éticas. Elas “condenam” certas atividades (tais como a idolatria, o matar, o furto, o adultério) e nos prescrevem outras atividades (a pureza, de coração, a reconciliação, a caridade).

## **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

### **A REFLEXÃO ÉTICA DEVE PROCEDER DA FÉ CRISTÃ**

Se atualmente há tanta confusão quanto à tomada de decisões éticas, não é apenas em virtude da novidade e da complexidade das questões que devemos nós afrontar mas, primeiramente, porque a disciplina da ética foi isolada de suas raízes teológicas. Se ela deve constituir uma “teologia moral” autêntica, a reflexão ética deve proceder da Fé da Igreja e exprimi-la. Ela deve começar e terminar com a convicção de que somente Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida, o domínio e o próprio fim de toda ação ética, tão específica ou tão trivial que ela possa parecer. A ética é a teologia aplicada, a teologia em atos. Em tanto que tal, ela encontra seu tratamento mais fundamental e mais eloqüente nesta exortação que nos é familiar e que conclui numerosas Litanias da Liturgia Ortodoxa, ... “entreguemo-nos todos, e cada um de nós, em cada instante da nossa vida a Cristo nosso Deus”.

Ao proceder desta maneira, deveríamos ser capazes de indicar como a tradição bíblica e patrística pode exprimir-se diretamente e com força acerca das questões de ética que aparecem tão complexas aos dias de hoje. A questão fundamental a guardar o espírito é esta: de que maneira princípios teológicos abstratos podem ser aplicados com benefícios em “momentos éticos” específicos, sobretudo quando decisões de vida e de morte devem ser tomadas? De outra forma perguntamos: como que os princípios de nossa fé podem eles nos ajudar a discernir a vontade de Deus em situações concretas, e a empreender ações que se conformam à esta vontade divina, para o nosso próprio bem-estar e o daquele por quem somos responsáveis?

### **A PESSOA HUMANA: DA IMAGEM À SEMELHANÇA**

A pessoa humana é a mais sublime expressão da atividade criadora de Deus. Adão e Eva; homem e mulher, são criados à imagem e à semelhança de Deus (Gn. 1,26). Deus é a origem e o fim da vida humana criada. Sua “imagem” é realizada nos seres humanos, não só através dos atributos ou capacidades particulares (O amor a razão, etc..), como pelas qualidades pessoais, distintas que põem os humanos à parte ou acima de todos os outros seres corporais. A “Imagem de Deus no homem” é identificada, segundo alguns teólogos gregos ortodoxos de hoje (Yannaras, Zizioulas, Nissiotis, Nellas) com a “personalidade” humana: a capacidade divinamente conferida por Deus de relação com Deus, consigo próprio e com os outros, exercida na liberdade no amor.

Se nós somos, de fato, obrigados, como o afirma Yannaras, a prestar contas na vida moral da “aventura existencial de nossa liberdade”, é porque a queda (compreendida individualmente e coletivamente) nos força, de forma permanente, à uma situação de escolha. Pertence à nós livre decisão de nos rebelarmos contra a vontade de Deus, que nos exilou do paraíso. A criatura humana, segundo São Basílio “é um animal que recebeu a

## **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

ordem de tornar-se deus” (citado por São Gregório de Nazianzo, In Oratio 43). Todavia ao sucumbirmos à tentação, nós somos alienados de Deus e traímos nossa vocação por excelência. Em Cristo, nós temos a possibilidade de progredir de “glória e glória” (II Co. 3,18) à uma plena e perfeita comunhão com a vida divina que aporta à humanidade (a personalidade autêntica) seu fundamento indispensável. No entanto a necessidade constante de escolher entre a luz e a verdade de uma parte, as trevas e o engano de outra, nos põe em um combate interior incessante contra as tentações demoníacas e nossa tendência a auto idolatria. A ascese autêntica é então essencial para nosso crescimento sobre a via da salvação.

Isto quer dizer que a iniciativa de Deus deve encontrar a resposta do homem, pelo exercício da vontade humana – pelo arrependimento, a oração e as obras de caridade – que nos tornam aptos, enquanto que portadores da divina imagem, a progredir através de um processo de purificação e de santificação interior, ao atingir da divina semelhança. São Diadoque exprime esta resposta ascética baseada sobre o amor, com sua eloquência costumeira: “Nós todos, os homens, todos nós somos feitos à imagem de Deus; mas ser à semelhança de Deus é próprio somente àqueles que, por muito amor, subjugaram a Deus sua liberdade. Quando, em efeito, nós não somos mas nós mesmos, eis que então somos semelhantes àquele que nos reconciliou com Ele pelo amor” (Discursos Ascéticos)

### **A CONSCIÊNCIA E O DISCERNIMENTO**

A vida moral está enraizada na esperança inabalável da glória que São Paulo descreve como “O Cristo está em nós” (Cl. 1,27). É a vida assumida, como um Dom sagrado, vivida na liberdade do Espírito e destinada a ser eternamente dividida na glória do Cristo. “Ora o Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a Glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (II Co. 3,17-18). (...) Nós temos muito a prender dos escritos de São Máximo o Confessor, que declara: “Não trateis a consciência com desprezo, pois ela sempre vos aconselha a fazer o melhor. Ela põe diante de vós a vontade de Deus e dos anjos; ela vos liberta das concupiscências secretas do coração; e ao deixar esta vida ela vos concede o Dom da intimidade com Deus” (Terceira centuária sobre o Amor, 80).

São Máximo descreve a consciência como uma amiga íntima, uma amiga que nos aconselha em fazer o que de melhor, nos revela a vontade de Deus, nos protege e nos liberta da influência corruptora de nossas próprias razões e de nossos sentimentos ou “paixões”. Mais comovente ainda, São Máximo descreve a consciência como uma mediadora que toma a nossa defesa e que nos protege antes que venha o julgamento de Deus. Ao mesmo tempo,

## **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

ela põe o fundamento de nossa comunhão eterna com Deus na medida onde ela nos guia para tornarmo-nos “perfeitos” como nosso Pai Celeste é perfeito.

Muitas questões nas quais somos confrontados no domínio da bioética, ou não admitem solução alguma específica ou não receberam da parte dos teólogos e de outras pessoas com autoridade na Igreja a atenção necessária para fornecer as respostas claras e definitivas que nós buscamos. Mesmo as tentativas mais sinceras para analisar tal ou tal questão em termos de prescrições eclesiais nos deixam um sentimento de frustração impotente. Uma decisão, pode ser crítica, pode ser uma questão de vida ou morte, deve ser tomada e nós não temos recursos para decidir de uma maneira que “pareça justa” ou que se conforme manifestamente àquilo que nós sabemos ser a vontade de Deus. Geralmente, de fato, a vontade de Deus não é totalmente clara e a tentação pode ser simplesmente deixar cair os braços em sinal de desespero.

### **UMA CONSCIÊNCIA CONFORME AO ESPÍRITO DA IGREJA**

As decisões que somos levados a tomar concernem preocupações banais do domínio do cotidiano ou um julgamento de vida ou de morte onde com pouco ou até mesmo sem tempo algum temos para refletir e aconselharmo-nos; essas decisões só podem ser fiéis ao objetivo divino na medida em que elas são essencialmente decisões eclesiais tomadas sobre a base de uma consciência que se conforma ao espírito de Igreja.

Isto quer dizer, igualmente, que as decisões críticas que nos podem levar a tomar devem ser, de fato, tomadas ao interior da comunidade que é a Igreja. É a comunidade dos vivos e dos mortos, dos “santos” de todos os tempos que conosco estão no corpo de Cristo universal. De uma parte, nós nos dirigimos a eles para pedirmos conselho pelo diálogo pessoal ou pelos escritos que eles deixaram. quantos dentre nós, nos dias de hoje, encontraram uma inspiração nova e cheia de graças ao ler textos deixados por Nicolau Motilov (que transcreveu suas conversações com São Serafim de Sarov sobre a aquisição do Espírito Santo), o Padre Alexandre Eltchaninov (presbítero da emigração russa, morto em 1934, autor de um Jornal Espiritual), ou ainda São Silouane o Atônita (monge russo da santa montanha, morto em 1938 e canonizado em 1988). De outra parte, nós pedimos a oração dos santos, sua intercessão por nós, a fim de sermos guiados como convêm. Nós pedimos para sermos guiados pela inspiração da Graça e pelo poder do Espírito Santo, afim de agirmos conforme à vontade de Deus para nós próprios e para todas as outras pessoas concernentes.

## **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

### **PELO NOSSO BATISMO NÓS NOS TORNAMOS “MEMBROS UNS DOS OUTROS”**

Isto quer dizer que jamais tomamos decisões éticas sozinhos. Nossos julgamentos morais e as ações que daí procedem intervêm sempre ao interior do corpo vivo da Igreja. Pelo nosso batismo nós somos incorporados uns nos outros, nós nos tornamo-nos “membros uns dos outros” (Rm.12,5). As decisões que eu tomo afetam e influenciam o corpo (por inteiro). Assim como o meu próprio pecado tem conseqüências não somente para minha família e meus amigos, mas também para a comunidade eclesial no seu conjunto, tais como minhas decisões éticas e suas conseqüências implicam e afetam a totalidade da “comunhão dos Santos”. O aspecto positivo, a maravilhosa promessa desta verdade: eis que posso apoiar-me sobre o corpo todo para assistir-me e guiar-me nas decisões críticas graças ao amor que me testemunham seus membros, à sua solicitude, sua implicação pessoal e, sobretudo, sua oração.

Nós temos toda a necessidade, sendo clérigos ou leigos, de nos construirmos “fontes de sustento” pessoais composta de experientes e confiáveis amigos próximos que podem nos aconselhar e nos avisar quando temos que tomar decisões capitais. Isto quer dizer também que nós devemos, enquanto membros da Igreja, reconhecer e aceitar nossa responsabilidade de uns para com os outros, afim de assegurar a assistência, o conselho e a intercessão necessários. Quando a morte ameaça, ou uma doença crônica leva um de nós à depressão e ao desespero, ou quando um casal de amigos toma o caminho do divórcio, muito geralmente temos a tendência a ignorar o problema. Nós não “queremos nos intrometer”. É a mesma atitude de auto-proteção, transposta no contexto paroquial, que nos faz recuar, quando vemos alguém deitado sob o leito do desespero. Desde então, não nos admiramos que os especialistas ortodoxos da teologia moral sintam-se obrigados a desenvolverem uma ética fundada sobre o imperativo do Dom de si e do amor sacrificial.

No fim das contas, há uma única razão pela qual os cristãos aceitam a “via estreita” que implica o fato de viver segundo as regras de uma moral. Se nós escolhermos o amor oblato no lugar do hedonismo, Deus no lugar de Mamon, é porque somos fundamentalmente convencidos – sobre a base de nossa própria experiência assim como a partir do testemunho dos outros que Deus, Ele próprio, é Amor, que Ele é em verdade o Autor e o Fim de nossa vida, que somente Ele confere o sentido desta vida, objetivo e valor. Ele está, então, intimamente presente em cada crise que passamos e em cada escolha que fazemos. Tais crises e tais escolhas são o nosso lote cotidiano. Elas não podem ser evitadas, pois recusar decidi-las é então recusar agir, o que é em si uma falta moral.

Quando acontece, o que é freqüente, de não podermos discernir a vontade de Deus em uma situação dada, então nos lembramos que satanás o tentador, trabalha mais eficazmente através de nossa confusão, nossa frustração, nosso desespero. Quando nós nos sentimos obrigados a tomar uma decisão que tem conseqüências sérias, mas os elementos

## **\*\*\* Ética Ministerial \*\*\***

necessários para discernir a vontade de Deus nos faltam, então devemos recuar e recordar que isto é realmente um jogo. Nós devemos encontrar a intuição dos grandes ascetas da Igreja: momentos assim críticos em nossas vidas são campos de batalha, arenas do Espírito nas quais a mais importante decisão que possamos tomar é de nos remetermos nós próprios e os outros também participantes, entre as mãos de Deus que é bom e misericordioso.

### **CONFIAR TODA NOSSA VIDA A CRISTO NOSSO DEUS**

Tudo isto sugere uma conclusão paradoxal, mas inevitável: que nós podemos saber com certeza que tal decisão moral é conforme à vontade de Deus e representa a “boa escolha”. O que importa verdadeiramente é que em nossas deliberações morais, geralmente angustiantes (que concernem, por exemplo, o tratamento apropriado à conduta destruidora de um narcótico), rejeitamos a orgulhosa tentação que nos faz afastar do controle das operações, no lugar de “entregarmos-nos todos e cada um de nós em cada instante de nossa vida a Cristo nosso Deus”. Isto não quer dizer que renunciamos à nossa liberdade ou que nós abdicamos nossa responsabilidade. Isto significa que damos a Deus aquilo que é de Deus, e precisamente “toda nossa vida”, isto inclui nossos motivos e nossos desejos assim como nossas escolhas e nossas ações. E fazemos isto com a convicção inabalável que em toda situação onde o amor governa nosso comportamento, Deus pode tirar de nossos erros e de nossos maus julgamentos o que de necessário para realizar seu desígnio. A Fé da Igreja é que a vontade de Deus governe todas as coisas. A essência da vida moral cristã consiste então em submeter nossa vontade própria à vontade de Deus com a fervente oração que Sua vontade seja feita.

Este ato de total submissão é necessário, que nos sintamos, ou não, conscientes de partilhar o espírito do Cristo e de aí conformar todas nossas decisões e nossas ações. Isto requer um profundo ato de fé e uma grande dose de humildade para admitir nossos próprios limites quando realizamos escolhas morais e remetemos este processo de tomada de decisões em boas mãos. É necessário humildade e confiança para dirigir-se ao próximo e lhe suplicar de nos acompanhar e assistir de seu amor e intercessão. É isto precisamente o que nos é pedido enquanto membros de um corpo e membros uns dos outros. A primeira e a última decisão que temos de tomar é, então, a decisão de submeter nossas deliberações morais àquele que é a cabeça deste corpo, com firme propósito de que todas as ações que nós realizamos em toda situação dada são para a Sua Glória, para a salvação daqueles que Ele confiou aos nossos cuidados.

---

<sup>i</sup> O Padre Jean Breck ensina no Instituto Saint-Serge, em Paris, depois de ter sido professor no Instituto de Teologia de Saint-Vladimir em Nova York; especialista do Novo Testamento e de Bio-Ética, autor de várias obras da teologia bíblica